

REFLEXÕES SOBRE DATAÇÃO E LEITURA DO POEMA *CANTO A LEOPARDI* À LUZ DE DOIS DOCUMENTOS DO ESPÓLIO PESSOANO RECENTEMENTE EDITADOS

GIANLUCA MIRAGLIA *

NA MAIS RECENTE EDIÇÃO do *Fausto* de Fernando Pessoa, resultado de uma extensa e cuidadosa investigação no espólio guardado na Biblioteca Nacional de Portugal, C. Pittella, ao descrever em pormenor um documento até então apenas parcialmente édito e no qual se lê o nome de Leopardi seguido de três linhas, lança uma dúvida acerca da data tradicionalmente atribuída ao poema *Canto a Leopardi*, isto é o mês de Julho de 1934, sugerindo que o texto possa ter sido escrito aproximadamente dez anos antes:

No E3, em metades da folha volante *Sobre um manifesto de estudantes* (papel de 1923) Pessoa escreveu um *Canto a Leopardi* (33-34 e 35) que Prista datou de 1934, seguindo Nemésio, mas talvez o canto seja de c.1924 tal como este outro Leopardi¹.

O que leva o editor do *Fausto* a pôr em causa uma datação que tem sido consensual na bibliografia crítica sobre a relação entre Pessoa e Leopardi² é, na realidade, outro documento inédito e totalmente desconhecido que ele transcreve na

* Doutorado pela Universidade de Bolonha e investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Universidade de Lisboa. gianluca.miraglia@gmail.com

¹ F. Pessoa, *Fausto*, edição de C. Pittella, Lisboa, Tinta da China, 2018, p. 413. O documento, com a cota BNP/E3, 30-A-18, é uma folha dobrada em quatro que inclui vários textos, entre os quais um poema de Ricardo Reis datado de 13-6-1925. Ver reprodução no apêndice.

² Para uma panorâmica actualizada veja-se a revista *Appunti leopardiani*, 15, 1, 2018, com contributos de A. Guerini, M.G. Russo, A. Cardello, G. Casara e E. Baldi: <http://appuntileopardiani.cce.ufsc.br/> (consultado a 20-5-2019).

secção dos Anexos dedicada às listas de projectos editoriais³. Trata-se de uma lista, designada pelo nome *Legendas*, que enumera dezassete títulos, entre os quais figura o *Canto a Leopardi*, e cuja elaboração deve remontar a meados da década de Vinte como indicia o suporte material, semelhante ao de outros papéis do espólio datáveis desse período⁴. Os títulos da lista que correspondem a poemas, fragmentos ou esboços presentes no espólio corroboram esta datação: os textos reconduzíveis a *Lucifer* são de 1924 e 1925⁵, *Mar português*, um conjunto de doze poemas, veio à lume na revista *Contemporânea* em 1922⁶, dez composições associadas a *Juliano em Antiochia* foram escritas entre 1916 e 1919⁷, de *Orpheu*, existe um testemunho datado de 13-8-1921⁸, enquanto os fragmentos de *Romantismo* ostentam a data de 1-10-1920⁹.

Perante estes novos dados, suficientemente sólidos e persuasivos, afigura-se mais frágil a conjectura de J. Nêmesio, o primeiro a publicar o texto em 1955¹⁰, que determinou o mês de Julho de 1934 como momento da escrita do *Canto a Leopardi* por ter encontrado o manuscrito original entre outros dois do ortónimo, *Tenho em mim como uma bruma e Teu perfil, teu olhar real ou feito*, que Pessoa datou, respectivamente, de 16-7-1934 e 11-7-1934. É verdade que a Edição Crítica de Fernando Pessoa aceitou a indicação de J. Nêmesio e publicou o *Canto a Leopardi* no volume que reúne os

³ F. Pessoa, *Fausto*, p. 361. Veja-se a reprodução do documento no apêndice.

⁴ *Ib.*, p. 544.

⁵ *Ib.*, pp. 307-313.

⁶ *Contemporânea*, 2, 4, Out. 1922, pp. 9-14. Onze desses poemas foram sucessivamente integrados no livro *Mensagem*.

⁷ Cf. C. Pittella, "Juliano Apóstata: um poema em três arquivos", *Pessoa Plural – A journal of Fernando Pessoa's studies*, nº12, Outono, pp. 457-487.

⁸ F. Pessoa, *Poemas de Fernando Pessoa – 1921-1930*, ed. de I. Castro, Lisboa, IN-CM, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. I, tomo III, 2001, pp. 28-30.

⁹ *Id.*, *Poemas de Fernando Pessoa 1915-1920*, ed. J. Dionísio, Lisboa IN-CM, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. I, tomo II, 2005, pp. 280-284.

¹⁰ *Id.*, *Poesias inéditas (1930-1935)*, Lisboa, Ática, 1955, p. 113.

poemas datáveis de 1934 e 1935, mas é significativo que L. Prista conclua a nota do aparato crítico relativa à datação com as seguintes palavras: “Ao certo, posterior a 1923, data do impresso que serviu de suporte”¹¹.

Se, como parece muito mais plausível, Pessoa escreveu o *Canto a Leopardi* não um ano antes da sua morte, mas sim em meados da década de Vinte, verifica-se então que todas as referências ao escritor italiano constantes do espólio pessoano, até hoje conhecidas, e que podem ser lidas nas edições de *O livro do desassossego* e de *A educação do estóico*, remontam a um período de tempo relativamente limitado¹². Com excepção de um breve texto em língua inglesa, consagrado unicamente a Leopardi e no qual se preconiza uma leitura freudiana da sua obra dado que “it is impossible to leave out the sexual explanation”¹³, o nome do escritor italiano surge sempre no contexto de uma crítica mais geral do pessimismo, como é o caso do seguinte trecho do *Livro do desassossego*, datado de c.1929:

Em geral, o homem chora pouco, e, quando se queixa, é a sua literatura. O pessimismo tem pouca viabilidade como formula democrática. Os que choram o mal do mundo são isolados — não choram senão o próprio. Um Leopardi, um Anthero não teem amado ou amante? O universo é um mal. Um Vigny é mal ou pouco amado? O mundo é um cárcere¹⁴.

¹¹ Id., *Poemas de Fernando Pessoa – 1934-1935*, ed. L. Prista, Lisboa, IN-CM, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. I, tomo V, 2000, p. 327.

¹² A essas referências deve acrescentar-se um projecto editorial recentemente vindo à luz, e datável de post. 1924 por ser dactilografado em papel timbrado de *Athena-Revista de Arte*, que revela a intenção de Pessoa de dedicar a Leopardi um dos 50 volumes de poesia, de autores portugueses e estrangeiros, que deviam formar uma antologia, cf. http://www.pessoadigital.pt/en/doc/BNP_E3_48-12r?term=leopardi (consultado a 20-5-2019).

¹³ F. Pessoa, *A educação do stoico*, ed. J. Pizarro, Lisboa, IN-CM, Edição Crítica de Fernando Pessoa, série Maior, vol. IX, 2007, p. 58.

¹⁴ Id., *Livro do desasosiego*, ed. J. Pizarro, Lisboa, IN-CM, Edição Crítica de Fernando Pessoa, série Maior, vol. XII (2 tomos), p. 184.

Nas páginas de *A educação do stoico*, uma obra fragmentária que Pessoa deve ter escrito num período compreendido entre o mês de Agosto de 1928 e começos de 1930, o Barão de Teive verbera mais vezes o pessimismo com palavras duras e severas e define a sua posição perante a realidade, a sua concepção do mundo, contrapondo-a justamente à dos pessimistas, “que erigem em universaes as dores particulares que os affligem”¹⁵:

A dignidade da intelligencia está em reconhecer que é limitada e que a realidade está fora d’ella. Reconhecer, com desgosto próprio ou não, que as leis naturaes se não vergam aos nossos desejos, que o mundo existe independentemente da nossa vontade, que o sermos tristes nada prova sobre o estado moral dos astros [...].¹⁶

Segundo Teive, aliás, na origem do pensamento pessimista encontra-se muitas vezes uma frustração sexual, como, em seu entender, transparece nitidamente na obra dos grandes poetas pessimistas do século XIX, ou seja Leopardi, Antero de Quental e Vigny:

Ha qualquer coisa de sordido, e de tanto mais sordido quanto é ridículo, neste uso, que teem os fracos, de erigir em tragedias do universo as comedias tristes das tragedias proprias.

O reconhecimento d’este facto estorvou-me sempre – reconheço que com injustiça – o receber uma perfeita emoção dos versos dos grandes poetas pessimistas. Peor foi o meu descontentamento quando conheci suas vidas. Os trez grandes poetas pessimistas do seculo passado – Leopardi, Vigny e Anthero – tornaram-se-me insupportaveis. A base sexual dos seus pessimismos deixou-me, desde que a entrevi nas obras e a confirmei na noticia de suas vidas, uma sensação de nausea na intelligencia.¹⁷

¹⁵ Id., *A educação do stoico*, p. 50.

¹⁶ *Ib.*, p. 51.

¹⁷ *Ib.*, p. 50.

Em *Three Pessimists*, um escrito em língua inglesa datável de 1930 ou 1931, Pessoa retoma e reformula algumas reflexões já esboçadas na obra de Teive para descrever com maior rigor e clareza o que nomeia *the romantic illusion*, ou seja o erro, a falácia, que vicia o pensamento pessimista de Leopardi, Vigny e Antero de Quental:

The three are victims of the romantic illusion, and they are especially victims because none of them had the romantic temperament. All three were destined to be classicists, and in their manner of writing Leopardi always was, Vigny almost always, Quental only so in the perfect cast of his sonnets. [...] The romantic illusion consists in talking literally the Greek philosopher's phrase that man is measure of all things, or sentimentally the basic affirmation of the critical philosophy, that all the world is a concept of ours. These affirmations, harmless to the mind in themselves, are particularly dangerous, and often absurd, when they become dispositions of temperament and not merely concepts of the mind. The romantic refers everything to himself and is incapable of thinking objectively. What happens to him happens to the universality of things. If he is sad, the world not only seems, but is, wrong.¹⁸

A afirmação de Bernardo Soares, as reflexões do Barão de Teive, e a argumentação do texto em língua inglesa coincidem numa crítica aos pessimistas que o Pessoa ortónimo já expressara numa composição em versos com data de 24 de Outubro de 1927. Nas seis estrofes do poema, a voz do poeta proclama a singularidade do seu sofrimento contrapondo-o à dor daqueles que, apelidados de ditosos e felizes, são capazes de a transformarem em dor universal:

¹⁸ *Ib.*, p. 60.

Ah, nunca por meu bem ou por meu mal,
Converte minha dor
Em dor universal!
Por eu soffrer não soffre quem não soffre...

Ditosos os que podem, pervertendo
Seu pranto em dor de tudo
Star assim convivendo,
Ainda que só com a imaginação
São humanos, e eu não.

Felizes os que podem erigir
Sua alma em universo
E soffrer a expandir!
Quanto mais soffro, mais pertença a mim.
Choro e não sou affim.¹⁹

Voltando ao *Canto a Leopardi*, convém lembrar que durante largas décadas este poema incompleto e fragmentário²⁰ constituiu a única referência a Leopardi no espólio pessoano. As leituras mais influentes do texto, como a elaborada hexegese de E. Ravoux-Rallo²¹ ou os incisivos comentários de A.

¹⁹ F. Pessoa, *Poemas de Fernando Pessoa 1921-1930*, pp. 109-110. Gritante é a intertextualidade com dois fragmentos do *Livro do Desassossego*, mais precisamente o n.º 21 e o n.º 34 da referida edição crítica de J. Pizarro. No primeiro lê-se: “Pessimista - eu não sou. Ditosos os que conseguem traduzir para universal o seu soffrimento [...]. Sonhadores felizes são os pessimistas. Formam o mundo á sua imagem e assim sempre conseguem estar em casa”. E no segundo: “Ditosos os fazedores de systemas pessimistas! Não só se amparam a ter feito qualquer cousa, como tambem se alegam do explicado, e se incluem na dor universal”. Ambos os fragmentos foram datados de 1913, o que mostra, se a datação é correcta, como a crítica do pessimismo é uma constante na obra de Pessoa.

²⁰ Veja-se no apêndice a reprodução do manuscrito original e a transcrição da Edição Crítica.

²¹ E. Ravoux-Rallo, “Pessoa chante Leopardi”, I. Oseki-Dépré (ed.), *Le spleen du poete, autour de l'oeuvre de Fernando Pessoa*, Paris, Ellipses, 1997, pp. 31-40.

Tabucchi²², e que o interpretam substancialmente como uma homenagem prestada ao poeta italiano, remontam a um período em que se desconhecia o juízo negativo sobre o pessimismo leopardiano expresso repetidamente em páginas que só foram reveladas pela primeira vez em 1999²³. Para conciliar a aparente contradição entre o *Canto a Leopardi* e as opiniões cáusticas do Barão de Teive acerca do escritor italiano²⁴ ou as críticas contidas em *Three pessimists*, G. Casara, que perfilha e aprofunda a interpretação de E. Ravoux-Rallo, sugere que após um primeiro e superficial contacto com a obra de Leopardi, do qual resultaria um inicial juízo “severo e sprezzante”, Pessoa “abbia cominciato a meditare più a fondo la poetica leopardiana ripensandola completamente e ribaltando il giudizio iniziale, fino al grande omaggio del '34, il quale ad una comprensione profonda e lucida del pensiero del recanatese coniuga una riflessione generale sull'importanza fondamentale della poesia all'interno del pensiero moderno”²⁵. É uma hipótese sem dúvida cativante, mas pressupõe que o *Canto a Leopardi* tenha sido escrito em 1934, ou que, pelo menos, a relação de Pessoa com a obra leopardiana tenha passado por duas fases distintas. À luz do que hoje sabemos, tal não aconteceu, dado que o momento da escrita do poema é aproximadamente o mesmo em que Pessoa expressa duras e repetidas críticas ao pessimismo leopardiano. Sendo estas últimas indesmentíveis, para conciliar a aparente contradição torna-se necessário reconsiderar a interpretação do

²² A. Tabucchi, “Fernando Pessoa leitor de Giacomo Leopardi”, *Estudos Italianos em Portugal*, 1.ª s., 48-49-50, 1985-86-87, pp. 91-105.

²³ Cf. Barão de Teive, *A educação do estóico*, ed. de R. Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999.

²⁴ Cf. F. Pessoa, *A educação do stoico*, p. 51: “Como posso eu encarar com seriedade e com pena o ateísmo de Leopardi se sei que esse ateísmo se curaria com a copula? [...] Que maneira de seriedade se pode usar perante este argumento que é o que está no fundo da obra de Leopardi: ‘Sou tímido com mulheres, portanto Deus não existe’”.

²⁵ Cf. G. Casara, “*L'anima delle cose*. Leopardi nella poetica di Fernando Pessoa”, *Lettere Italiane*, 64, 1, 2012, pp- 101-102.

poema como homenagem, pelo menos nos termos em que a crítica a apresentou até hoje. Os dois documentos revelados por C. Pittella podem servir de ponto de partida para uma abordagem diferente do assunto.

O projecto editorial *Legendas* permite ver pela primeira vez o *Canto a Leopardi* não como um poema isolado, mas sim como parte de um conjunto. Foi certamente por apresentar traços em comum com os outros textos enumerados que Pessoa o incluiu na lista. Podemos supor que a extensão fosse um deles, e porventura também a índole dramática. Só um conhecimento mais profundo do projecto *Legendas*, para o qual ainda faltam elementos suficientes, poderá confirmar a existência de outro tipo de afinidades entre as várias composições, contudo, vale a pena chamar a atenção, desde já, para alguns indícios que apontam para tal eventualidade. Pessoa deixou uma nota explicativa acerca de *Juliano em Antiochia*, o terceiro poema da lista:

O poema simboliza a alma elevada que, num tempo de decadência, luta inutilmente, procura infructiferamente entravar a corrupção e a degenerescencia geraes.²⁶

A ideia na origem da composição poética é descrever a luta inútil, e destinada à inevitável derrota, que o imperador Juliano, uma alma elevada, trava para restabelecer o paganismo. Se repararmos no poema que encabeça a lista, *Lucifer*, no qual o “eterno condenado” ergue “a voz amargurada” para clamar “contra Deus o além-Deus”²⁷ e em títulos como *Lamento de Orpheu*, *Briseis*, ou *D. João no Inferno*, ficamos com a impressão que pelo menos parte dos textos que integram o projecto *Legendas* seriam variações sobre o tema da derrota, da luta sem esperanças, do combate titânico que eno-

²⁶ Cf. C. Pittella, p. 46.

²⁷ Cf. F. Pessoa, *Fausto*, p. 312.

brece o vencido. A ser verdade, abrir-se-ia a possibilidade de interpretar o *Canto a Leopardi* como um poema dramático que encena uma luta semelhante, e cujo inevitável desfecho é o fracasso, protagonizada pelo coração nobre e elevado do poeta italiano. Uma leitura, aliás, que permitiria conciliar, eliminando-a, a contradição entre poema e crítica do pessimismo leopardiano.

Vejamos agora o documento BNP/E3, 30-A-18. A análise de C. Pittella, que desenvolve e aprofunda uma leitura precedente de J. Pizarro e J. Uribe, segundo os quais “as páginas [...] preenchidas a tinta preta são do *Fausto*, as ocupadas a lápis de Reis, ou de Reis em botão”²⁸, assinala que “há, porém, versos a lápis mais próximos do *Fausto* do que de Reis, e pelo menos três linhas sob a indicação Leopardi, que embora à primeira vista pareça uma personagem a dialogar com *Lucifer*, é mais provavelmente um título não relacionado com Reis ou com o *Fausto*”²⁹. Com efeito, é difícil determinar a natureza deste breve texto, apesar de a hipótese de se tratar da fala duma personagem, que integra uma peça ou um poema dramático, parecer mais provável, por outro lado, resulta evidente que não tem relação alguma com o *Canto a Leopardi*:

Redemptores mais vós que os males todos.

Mais <ignóbeis> [↑<vis>] [↓<reles> baixos] no serviço do ideal

Que outros em não servir [↓ saber de] ideal nenhum³⁰.

Diferente o caso de sete versos escritos a lápis, que C. Pittella transcreve no Anexo 49, atribuindo-os a *Lucifer*, cuja leitura, quer pela presença das palavras ‘canto’, ‘dor’, ‘coração’ quer pelo seu conteúdo, faz lembrar forçosamente as três primeiras estrofes do *Canto a Leopardi*, o monólogo do coração

²⁸ Id., *Obra completa de Ricardo Reis*, Lisboa, Tinta da China, 2016, p. 430.

²⁹ Id., *Fausto*, p. 413.

³⁰ *Ib.*, p. 527. Os símbolos na transcrição são os da edição crítica: < > segmento autografo riscado; < >; [↑] substituição por riscado e acrescento; [↓] acrescento na entrelinha inferior.

afrito em que se sucedem as angustiantes perguntas sobre as contradições da existência humana. O facto de os versos terem sido escritos na mesma folha onde aparece o nome do escritor italiano é deveras uma coincidência intrigante:

Canto que é um gemido.
A extrema dor de um grande coração.
◇ sombria ode.
Como a criança que quiz mais que pode
Dar-lhe a mão ou a vida
E chora de negarem-lhe o impossível,
Tem spirito ◇³¹

Deixando em aberto a sedutora hipótese desses sete versos terem uma relação directa com o *Canto a Leopardi*, sendo porventura um fragmento do poema, o que reforçaria a ideia antes aventada de que na origem da sua escrita se encontra o motivo da luta inútil, destinada à derrota, convém assinalar que, no texto *Three pessimists*, Pessoa, para descrever a ilusão romântica de que são vítimas os grandes poetas pessimistas, entre os quais figura Leopardi, recorre a uma comparação com as crianças que choram por algo inalcançável:

To make realities of our particular feelings and disposition, to convert our moods into measures of the universe, to believe that, because we want justice or love justice, Nature must necessarily have the same want or the same love, to suppose that because a thing is bad it can be better without making it worse, these are romantic attitudes, and they define all minds which are incapable of conceiving realiy as something outside themselves, infants crying for sublunar moons.³²

³¹ *Ib.*, p. 308. O símbolo ◇ indica espaço deixado em branco pelo autor. A transcrição de C. Pittella junta aos versos citados mais sete versos escritos a tinta preta, atribuindo-os todos a *Lucifer*, todavia, o diverso instrumento de escrita utilizado por Pessoa e a diferença temática indica que pertencem a textos distintos. Veja-se a reprodução do manuscrito original no apêndice.

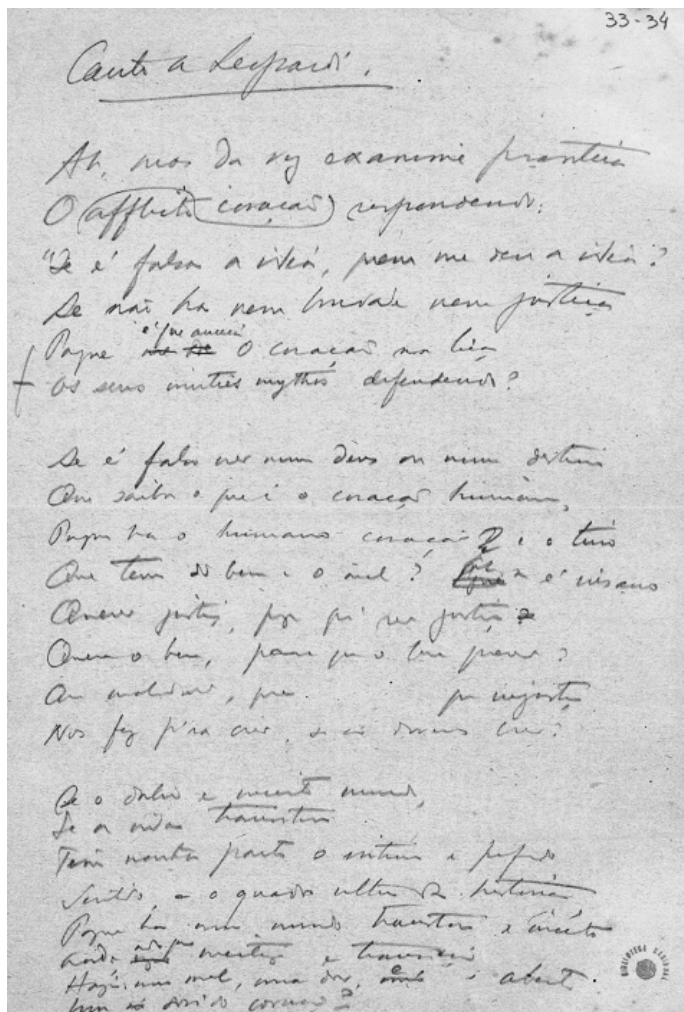
³² *Id.*, *A educação do stoico*, pp. 60-61.

Em conclusão, os documentos inéditos recentemente dados a conhecer por C. Pittella obrigam a repensar a interpretação do *Canto a Leopardi* que, ao longo dos anos, se foi afirmando e consolidando nas páginas da bibliografia crítica consagrada ao estudo da relação entre Pessoa e a obra leopardiana. O primeiro esboço, aqui apresentado, de uma abordagem diferente do poema aguarda o aparecimento de ulteriores dados, a descobrir nas áreas ainda inexploradas ou só parcialmente conhecidas do espólio pessoano, que possam servir de confirmação ou de refutação. Até lá permanecerá também a dúvida se a quarta estrofe do já referido poema que Pessoa escreveu em 24 de Outubro de 1927 é, ou não, um surpreendente caso de autocitação:

Meu coração não pode ter a crença,
Por soffrer, que todo o orbe
Vive uma dor imensa.
Soffro sem outros, sem pesar nem dó,
Soffro eu,
soffro só³³.

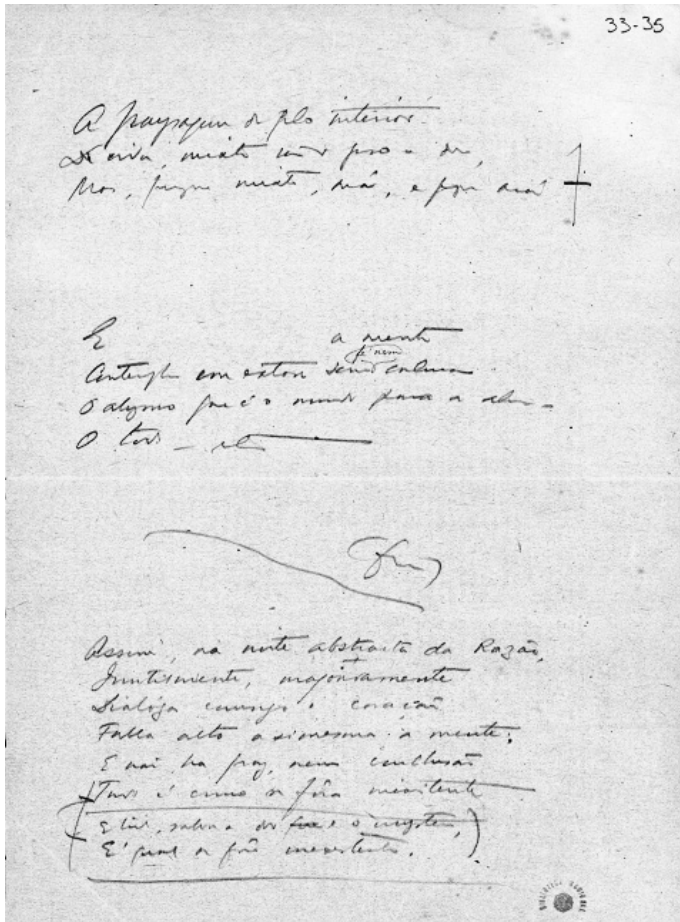
³³ Id., *Poemas de Fernando Pessoa 1921-1930*, p. 110.

ANEXOS



BNP/E3, 33-34

Manuscrito a lápis no verso de uma metade inferior do impresso *Sobre um manifesto de estudantes*, panfleto publicado e distribuído em 1923. A folha contém, além do título, as três primeiras estrofes do poema *Canto a Leopardi*.



BNP/E3, 33-35

Manuscrito a lápis no verso de uma metade do impresso *Sobre um manifesto de estudantes*, panfleto publicado e distribuído em 1923. Acerca deste documento L. Prista escreve: “na metade inferior de 33-35r está uma estrofe que é, com toda a probabilidade, o final do poema – antecedida de (fim) colado a traço indicador; não é seguro qual seja o estatuto dos versos que ocupam parcialmente a metade superior da mesma página [...] pertencem ao nosso texto? Destinavam-se a uma ou a duas estrofes?” (E. Pessoa, *Poemas de Fernando Pessoa – 1934-1935*, p. 327).

CANTO A LEOPARDI³⁴

Ah, mas da voz examine pranteia
O coração afflicto respondendo:
“Se é falsa a idéa, quem me deu a idéa?
Se não ha nem bondade nem justiça
Porque é que aneia o coração na liça
Os seus inuteis mythos defendendo?

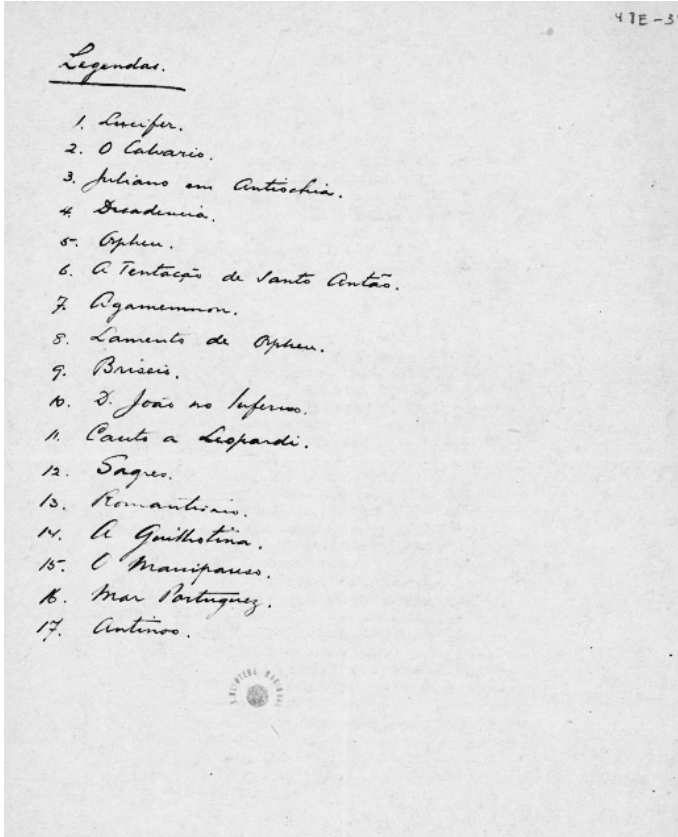
Se é falso crer num deus ou num destino
Que saiba o que é o coração humano,
Porque ha o humano coração e o tino
Que tem do bem e o mal? Ah, se é insano
Querer justiça, porque qu’rer justiça
Quere o bem, para que o bem querer?
Que maldade, que ◇, que injustiça
Nos fez p’ra crer, se não devemos crer?

Se o dubio e incerto mundo,
Se a vida transitoria
Têm noutra parte o íntimo e profundo
Sentido, e o quadro ultimo da historia,
Porque ha um mundo transitorio e incerto
Aonde anda por incerteza e transição,
Hoje um mal, uma dor, e ◇, aberto
Um só dorido coração?

A paisagem de gelo interior
Da vida, mixto vão de goso e dor.
Mas, porque mixto, má, e porque má
◇
E ◇ a mente
Contempla em extase sem fé nem calma
O abysmo que é o mundo para a alma –
O todo – sta ◇

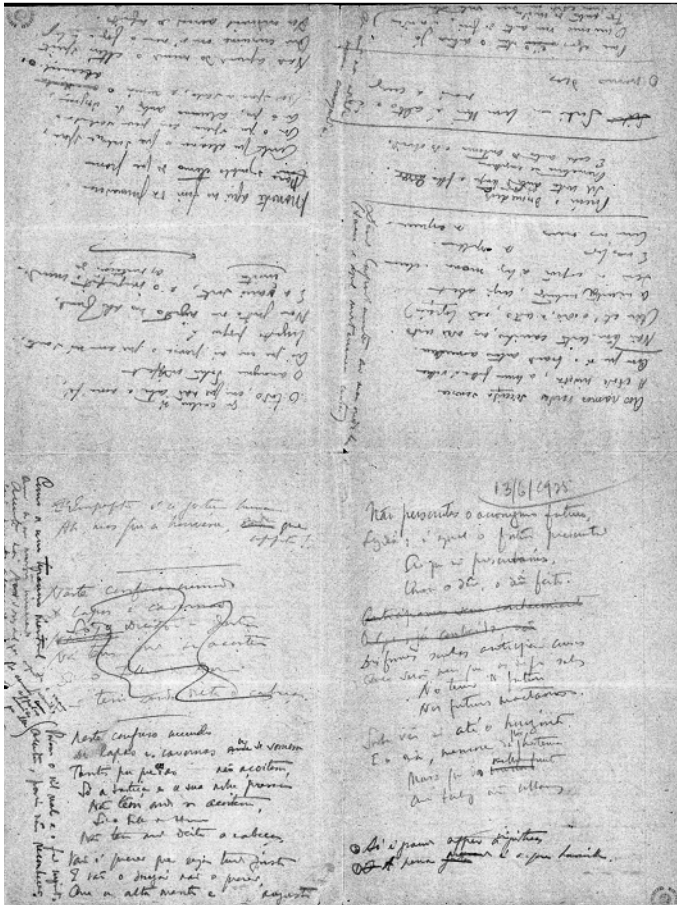
³⁴Transcrição de Luís Prista. Cf. F. Pessoa, *Poemas de Fernando Pessoa – 1934-1935*, pp. 327-328.

Assim, na noite abstracta da Razão,
Inutilmente, magoadamente,
Dialoga comsigo o coração,
Falla alto a si mesma a mente;
E não há paz nem conclusão,
Tudo é como se fôra inexistente.



BNP/3, 48E-39

Fragmento de folha manuscrita a tinta preta. Projecto editoria I subordinado ao título *Legendas*. O poema *Canto a Leopardi* é o décimo primeiro da lista.



Lucifer
Roma

30A-18

Lucifer
Roma

Non invenio infinitum a principio
Et infinitum dicitur, tunc infinitum.

Assum o fact, eo bono e o man lassat,
Na natura, vagu nihilis
A uniti vey dnam an tundo cecis.
Certe tunc no?

Di Deus e sub, x e pte o sub Deus.

Lucifer

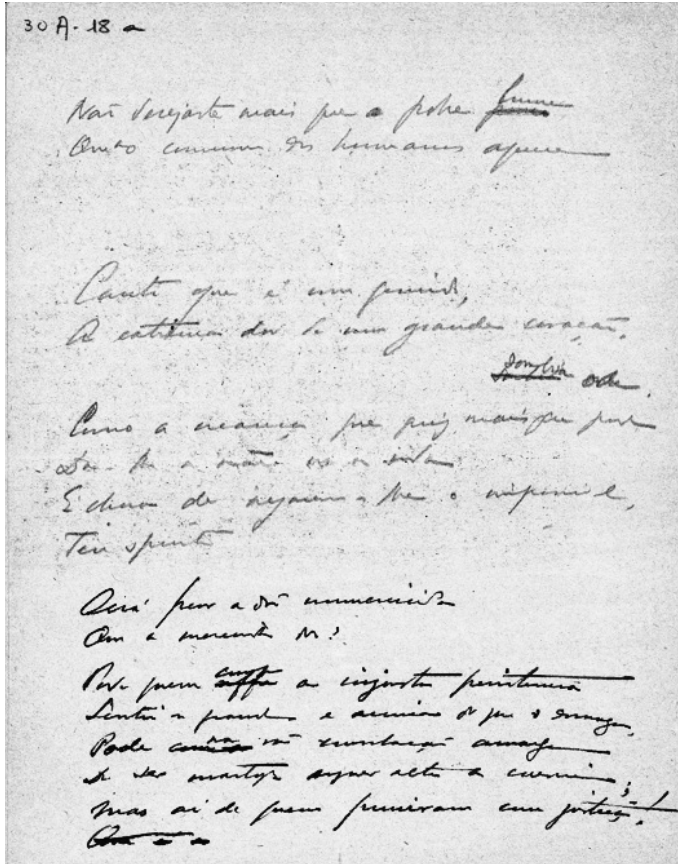
Redemptor meus visus per o mabo tunc,
Grat ~~Lucifer~~ no ovari de vey
Cui vey in e vey vey vey
veto de

Et facti exim a tunc vey e dnm;
Lucifer vey in a vey vey
Cui e vey vey in a vey e vey
veto de vey

PC 5-2

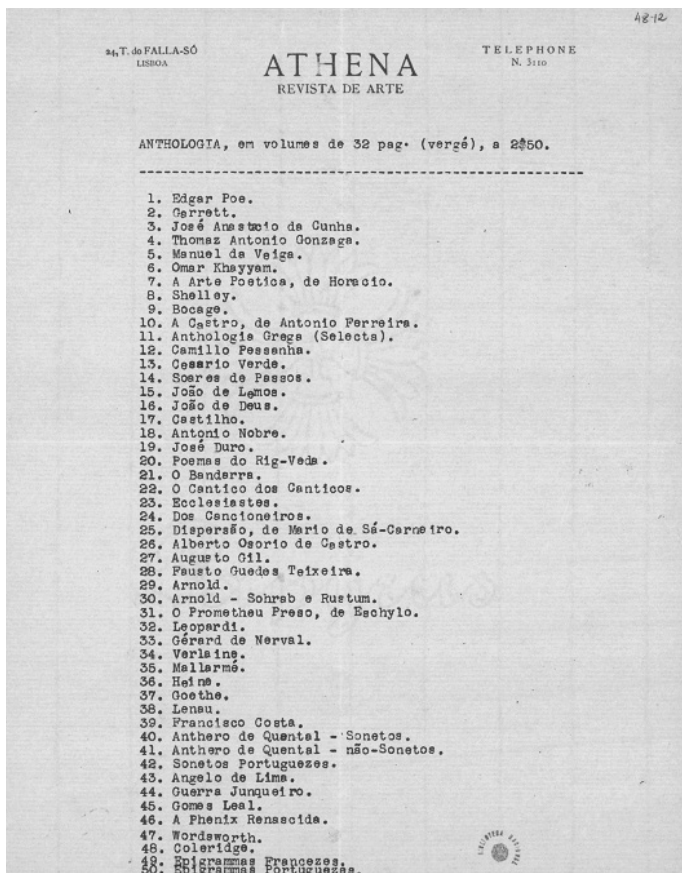
BNP/E3, 30A- 18

Primeiro rosto da folha dobrada em quatro. Na metade inferior, o nome de Leopardi, sublinhado, seguido de três versos que um traço horizontal separa do texto escrito na margem inferior da folha.



BNP/E3, 30-A18 a

Segundo rosto da folha dobrada em quatro. C. Pittella (cf. F. Pessoa, *Fausto*, cit., p. 308 e 527) transcreve os versos manuscritos como sendo dois textos separados: o primeiro constituído apenas pelos dois versos a lápis na parte superior da folha enquanto o segundo engloba os catorze seguintes a lápis e a tinta preta. O diferente instrumento de escrita e o conteúdo indicam que, neste último caso, os versos a lápis pertencem a um projecto distinto do qual poderiam fazer parte também os dois que encabeçam o documento: “Não desejaste mais que o pobre lume / que ao comum dos humanos aquece”.



BNP/E3, 48-12r

Texto dactilografado em papel impresso de Athena – Revista de Arte. O suporte permite datar o projecto editorial de post. 1924, dado que os cinco números da revista dirigida por Fernando Pessoa e Ruy Vaz saíram entre Outubro de 1924 e Fevereiro de 1925.